A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • NOVEMBRO DE 1996

A LIAHONA

NOVEMBRO DE 1996

Na capa:
Muitos artistas retrataram a visita do Salvador ressurreto aos nefitas. Exemplos encontram-se na primeira capa, *Cristo e as Crianças do Livro de Mórmon*, de Del Parson, e na última capa, "*Eis que Eu Sou Jesus Cristo*", de Ron Crosby. Ver em "Eis Que Eu Sou Jesus Cristo", p. 10, outras obras mostrando esse glorioso evento.

Capa da *Seção Infantil*:
Henrik, de onze anos, não apenas é um bom exemplo para seus quatro irmãos mais novos, como também os considera seus melhores amigos. Ver "Henrik Amundsen, de Lillestrom, Noruega", p. 14. (Fotografia da capa de DeAnne Walker.)

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: OBTER FORÇA POR MEIO DA OBEDIÊNCIA PRESIDENTE THOMAS S. MONSON 2

"NÃO JOGUE FORA ESSE LIVRO!"
APARECIDA GIMENEZ DE OLIVEIRA PASSOS 8

"EIS QUE EU SOU JESUS CRISTO" 10

O ESPÍRITO DE ELIAS PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 18

UMA OBRA MARAVILHOSA
MARCELINO FERNÁNDEZ REBOLLOS SUÁREZ 22

SOB O "AFGHAN" JAN MURRAY SMITH 32

OS ALEGRES SANTOS DE PORTO RICO
LARENE PORTER GAUNT 34

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

UM ÚNICO ALUNO BEATRIZ ESTER PÉREZ CORTÉS 17

TEMPO PARA ARREPENDER-SE CHRISTOPHER CHETWYND 24

MANTER A PAZ TAMARA LEATHAM BAILEY 26

PERMANEÇAM FIRMES! ÉLDER JAMES M. PARAMORE 28

O MILAGRE DE JENNI VICTOR W. HARRIS 46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: POSSO FAZER TODAS AS COISAS POR MEIO DE CRISTO 25

SEÇÃO INFANTIL

DEIXE A PALAVRA PENETRAR-LHE A ALMA
ÉLDER L. TOM PERRY 2

TEMPO DE COMPARTILHAR: DÍZIMOS E OFERTAS
KAREN ASHTON 4

PARA OS AMIGUINHOS: ELISA LEMBRA DE JESUS
ROZANN W. THOELKE 6

A JORNADA DE LEÍ PARA A TERRA PROMETIDA
DIANE DECKER 8, 12

FICÇÃO: MALA CHEIA DE AMOR RACHELLE PACE CASTOR 10

FAZER AMIGOS: HENRIK AMUNDSEN DE LILLESTROM, NORUEGA DEANNE WALKER 14

NOVEMBRO DE 1996, Vol. 20, nº 11
A LIAHONA, 96991 059 – São Paulo – Brasil
Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.

Editor: Jack H Goaslind

Consultores: Spencer J. Condie, L. Lionel Kendrick

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editores Adjuntos: David Mitchell, DeAnne Walker
Assistente Editorial: Jenifer Greenwood
Coordenadora Editorial e de Produção: Maryann Martindale
Assistente de Publicações: Beth Dayley

Equipe de Diagramação:
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D Van Kampen
Diagramação: Sharri Cook
Gerente de Produção: Jane Ann Peters
Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby, Matthew H. Maxwell

Equipe de Assinaturas:
Diretor: Kay W. Briggs
Diretor de Circulação: Kris Christensen
Gerente: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto Andrade Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

ASSINATURAS: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP

Preço da assinatura anual para o Brasil: R$ 15,00.
Preço por exemplar em nossa agência: R$ 1,50.

Para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 – Miratejo, 2800 – Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00, aérea: US$ 10,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – ©1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. A edição brasileira de "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº4857, de 9-11-1930. "International Magazines" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são publicadas mensalmente em chinês, dinamarquês, holandês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco, e tonganês; seis vezes por ano em indonésio e tai; e trimestralmente em búlgaro, checo, húngaro, islandês e russo. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. – Rua Bresser, 1224 – Brás – São Paulo – SP Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional de "International Magazines". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 – 05512-300 – São Paulo – SP Telefone (011) 818-0344.

The A LIAHONA (ISSN 1044-3428) is published by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Periodicals postage paid at Salt Lake City, Utah 84150. Subscription price $9.00 per year, $1.00 per single copy. Sixty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send USA and Canadian subscriptions and queries to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O.Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA. Subscription helpline telephone number: 1-800-453-3860.

Printed in Brazil.

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O.Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA.

A LIAHONA APROXIMA-NOS DO PAI CELESTIAL

Sou muito grata por ser assinante de *A Liahona* (português). Os artigos muitas e muitas vezes respondem a minhas dúvidas. Aprendi que a revista é uma maneira de nos aproximarmos do Pai Celestial, porque o Espírito do Senhor toca os que a lêem.

Danubia Duarte,
Ala Mogi-Centro,
Estaca Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil

VESTINDO A ARMADURA DE DEUS

Enquanto leio a *Liahona* (inglês) recordo-me do comandante do exército, Morôni, nos tempos antigos. Morôni fortaleceu suas tropas com a completa armadura do Senhor a fim de vencer as batalhas contra seus inimigos. (Ver Alma 43:19.) A leitura das revistas e livros da Igreja também nos permitirá vestir a armadura do Senhor. Sei que ao ler cada edição da revista cresço espiritualmente e fico mais preparado materialmente para sobrepujar quaisquer circunstâncias com as quais me depare na vida.

Élder James Malce Alo,
Missão Davao, Filipinas

UM RESPEITOSO ABRAÇO PARA A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Após ler a mensagem da Primeira Presidência, escrita pelo presidente James E. Faust, na edição da *Liahona* (espanhol) de novembro de 1995, não pude deixar de escrever para expressar-lhe minha gratidão. O artigo do Presidente Faust, "Servir ao Senhor e Resistir ao Diabo", nunca deixa de ser interessante. Ele tem um conteúdo moral profundo e verdadeiro e persuade-nos a melhorar nossa vida. Um abraço (um respeitável abraço) para a Primeira Presidência!

Víctor Plasencia Farro,
Ala de Miraflores,
Estaca Castilla Peru Piura

UMA AMIGA QUERIDA

Um dos momentos mais ansiosamente esperados, a cada mês, é a chegada ao meu lar de uma amiga querida, a *Liahona* (espanhol). Fico feliz ao abrir suas páginas porque sei que dentro delas encontrarei paz, verdade e muito amor. Toda vez que leio a revista percebo o quanto amo ao Salvador e o quanto Ele Se preocupa conosco. Desejo que todos tenham a sorte de sentir o calor proveniente da *Liahona*, pois em suas páginas encontramos o puro amor de Cristo.

Estrella Ruiz Días de Gambetta,
Ramo Salinas,
Missão Montevidéu Leste, Uruguai

EXCELENTE EM TODOS OS ASPECTOS

Considero *A Liahona* (português) uma excelente revista em todos os aspectos, tanto pelas fotos e ilustrações quanto pelo conteúdo. Gosto muito das belas experiências compartilhadas pelos membros da Igreja ao redor do mundo. Muitas vezes tenho sido espiritualmente fortalecido por essas histórias.

Elson Carlos Ferreira,
Ala Quatro Curitiba,
Estaca Curitiba Iguaçu, Brasil

Obter Força por meio da Obediência

Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Jesus disse a Pedro, na Galiléia: "Vem após mim". E essa mesma voz, esse mesmo Jesus diz a cada um de nós hoje: "Segue-me".

Um poeta captou o significado real da busca da verdade quando escreveu estes versos imortais:

A verdade o que é? É o supremo dom
Que é dado ao mortal desejar;
Procurai no abismo, na treva e na luz,
Nas montanhas e vales o seu claro som
E grandeza ireis contemplar! (. . .)

A verdade o que é? É começo e fim,
Para ela limites não há;
Pois que tudo se acabe, a terra e o céu,
Sempre resta a verdade que é luz para mim,
Dom supremo da vida será!
(*Hinos*, número 171)

Numa revelação dada por intermédio do Profeta Joseph Smith em Kirtland, Estado de Ohio, em maio de 1833, o Senhor declarou:

"A verdade é o conhecimento das coisas como são, como eram e como serão. (. . .)

O Espírito da verdade é de Deus. (. . .) Ele (Jesus) recebeu a plenitude da

VA TE, SATANÁS, DE CARL HEINRICH BLOCH. ORIGINAL NA CAPELA DO CASTELO DE FREDERIKSBORG, DINAMARCA. USADO COM PERMISSÃO DO FREDERIKSBORGMUSEUM.

Quando o maligno fez a Jesus as mais sedutoras propostas, Ele nos deu um exemplo divino de obediência, recusando-se a abandonar aquilo que sabia ser correto.

verdade, sim, mesmo de toda verdade;

E nenhum homem receberá a plenitude, a não ser que guarde Seus mandamentos.

Aquele que guarda Seus mandamentos recebe verdade e luz, até que seja glorificado em verdade e conheça todas as coisas." (D&C 93:24, 26–28)

Não é necessário que vocês ou que eu, nesta época iluminada da restauração da plenitude do evangelho, nos aventuremos por mares ou por caminhos desconhecidos em busca da "fonte da verdade", pois um Pai Celestial vivo estabeleceu nosso curso e forneceu-nos um mapa seguro — a obediência.

Sua palavra revelada descreve vividamente as bênçãos da obediência e o sofrimento inevitável do viajante que se aventura pelos caminhos proibidos do pecado e do erro.

A uma geração acostumada à tradição do sacrifício de animais, Samuel arrojadamente declarou: "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros". (I Samuel 15:22) Os profetas,

antigos e de nossa época, conheceram a força resultante da obediência. Pensem em Néfi: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor". (1 Néfi 3:7) Ou na bela descrição que Alma fez da força dos filhos de Mosias: "Haviam-se fortalecido no conhecimento da verdade; porque eram homens de grande entendimento e haviam examinado diligentemente as escrituras para conhecerem a palavra de Deus.

Isto, porém, não é tudo; haviam-se devotado a muita oração e jejum; por isso tinham o espírito de profecia e o espírito de revelação; e quando ensinavam, faziam-no com poder e autoridade de Deus". (Alma 17:2–3)

O Presidente David O. McKay, na mensagem inicial aos membros da Igreja, numa conferência geral em abril de 1957, disse com muita simplicidade, mas com muita força: "Guardai os mandamentos de Deus". Seus sucessores fizeram a mesma advertência.

Essa foi a ênfase da mensagem de nosso Salvador ao declarar: "Pois todos os que receberem uma bênção de Minhas mãos obedecerão à lei e às condições que desde antes da fundação do mundo foram instituídas para o recebimento daquelas bênçãos". (D&C 132:5)

Ninguém pode criticar as instruções do Mestre. Seus próprios atos dão credibilidade às palavras que proferiu. Ele demonstrou amor genuíno por Deus vivendo uma vida perfeita, honrando Sua sagrada missão. Nunca foi orgulhoso. Nunca foi arrogante. Nunca se encheu de orgulho. Nunca foi desleal. Sempre foi humilde. Sempre foi sincero. Sempre foi verdadeiro.

Embora Ele tenha sido guiado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo mestre da mentira; embora se tenha enfraquecido, jejuando 40 dias e 40 noites e sentindo fome, quando o maligno fez a Jesus as mais sedutoras propostas. Ele nos deu um exemplo divino de obediência, recusando-se a abandonar aquilo que sabia ser correto.

Quando enfrentou a agonia do Getsêmani, onde sentiu tanta dor que Seu suor era como grandes gotas de sangue caindo ao chão, Ele deu o exemplo do Filho obediente, dizendo: "Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua". (Lucas 22:42)

A Pedro, na Galiléia, Jesus disse: "Vinde após mim". A Filipe, repetiu o chamado: "Segue-me". E o publicano Levi, que estava assentado na recebedoria, Ele chamou: "Segue-me". Até a um que Dele se aproximou correndo, estando possuído, ele disse: "Segue-me". E essa mesma voz, esse mesmo Jesus, diz a cada um de nós hoje: "Segue-me". Estamos prontos a obedecer?

A obediência é uma característica de profetas, mas devemos compreender que essa fonte de força está a nosso alcance hoje.

Alguém que aprendeu muito bem a lição da obediência foi um homem bom e sincero, de parcos recursos, que foi batizado na Europa. Economizando e sacrificando-se, imigrou para a América do Norte, para uma nova terra, uma língua estranha, costumes diferentes, mas a mesma Igreja, dirigida pelo mesmo Senhor em quem confiava e a quem obedecia. Ele tornou-se presidente do ramo de um pequeno rebanho de santos que enfrentavam sérias dificuldades em uma cidade hostil, com dezenas de milhares de pessoas. Seguiu o programa da Igreja, embora os membros fossem poucos e as tarefas, muitas. Ele foi um exemplo verdadeiramente cristão para os membros de seu ramo e a isso eles reagiram com um amor que raramente se vê.

Ele ganhava a vida como comerciante.

Seus meios de subsistência eram parcos, mas ele sempre pagava mais de dez por cento de seus ganhos como dízimo. Iniciou um fundo missionário em seu pequeno ramo e, durante meses, foi o único contribuinte. Quando havia missionários em sua cidade, cuidava deles como um pai e alimentava-os, e eles nunca

Quando enfrentou a agonia do Getsêmani, o Salvador deu o exemplo do Filho obediente, dizendo: "Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua".

saíam de sua casa sem alguma coisa tangível que os ajudasse no trabalho ou em seu dia-a-dia. Os membros da igreja de outros lugares, que passavam pela cidade e visitavam o ramo, sempre desfrutavam sua hospitalidade e espírito caloroso, sentindo, ao partir, que haviam conhecido um homem incomum, um dos servos obedientes do Senhor.

Seus líderes sempre receberam dele profundo respeito e atenções especiais. Para ele eram emissários do Senhor e seus desejos eram ordens. Ele cuidava de suas necessidades e era muito solícito em suas freqüentes orações pelo bem-estar deles. Certo domingo, alguns oficiais visitantes participaram com ele de cerca de doze orações em reuniões diversas e visitas aos membros de seu ramo. Despediram-se dele ao final do dia sentindo enorme alegria e motivação espiritual, sentimento esse que os acompanhou por toda a viagem de volta e cuja lembrança, depois de tantos anos, ainda lhes aquece o coração.

Pessoas cultas e experientes procuravam esse homem de Deus iletrado e consideravam-se afortunadas quando conseguiam passar uma hora com ele. Sua aparência era comum, seu inglês, vacilante e às vezes difícil de entender, sua casa, despretensiosa. Ele não tinha carro nem televisão; não escrevia livros nem pregava sermões bem elaborados, não fazia as coisas em que o mundo presta atenção. Contudo, os fiéis sempre o procuravam. Por quê? Porque desejavam beber da sua "fonte da verdade". Não tanto aquilo que ele dizia, mas o que fazia; não a substância dos sermões que pregava, mas a força da vida que levava.

Saber que um homem pobre pagava, sistemática e alegremente, pelo menos duas vezes o dízimo do Senhor, dava às pessoas uma visão mais clara do verdadeiro significado do dízimo. Ao vê-lo alimentar o faminto e hospedar o estrangeiro, sabia-se que ele o fazia como o faria ao Mestre. Orar com ele e sentir sua confiança na intercessão divina era experimentar um novo meio de comunicação.

Pode-se dizer que ele cumpria o primeiro e grande mandamento e o segundo, semelhante àquele; que suas entranhas estavam cheias de misericórdia para com todos os homens, que a virtude lhe adornava os pensamentos incessantemente, e que, como resultado, sua confiança se tornou forte na presença de Deus. (Ver D&C 121:45.) Aquele homem tinha o brilho da bondade e a radiância da retidão. Sua força era resultado da obediência.

A força que ardentemente procuramos hoje para enfrentar os desafios de um mundo complexo e instável poderá ser encontrada quando, corajosa e resolutamente, declararmos com Josué: "Eu e a minha casa serviremos ao Senhor". (Josué 24:15) □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES:

1. Para aqueles que têm o evangelho restaurado de Jesus Cristo, não há necessidade de seguir um curso desconhecido em busca da fonte da verdade do evangelho, porque o Pai Celestial já traçou nosso curso e nos deu o mapa infalível da obediência.

2. Sua palavra revelada descreve vividamente as bênçãos resultantes da obediência e o sofrimento inevitável que acompanha o pecado e o erro.

3. Jesus deu-nos o exemplo da obediência no Getsêmani: "Não se faça a minha vontade, mas a tua". (Lucas 22:42)

4. Esse mesmo Jesus torna a dizer-nos hoje: "Segue-me". Estamos dispostos a obedecer?

"Não Jogue Fora Esse Livro!"

Aparecida Gimenez de Oliveira Passos

Algumas vezes, a felicidade que buscamos de muitas maneiras e em muitos lugares está onde nós menos a esperamos. Assim foi comigo. Durante muitos anos tive a felicidade ao meu alcance, mas não a reconheci.

Eu tinha 24 anos quando fui batizada na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em 1981. Meu marido também foi batizado na mesma época. Naquele tempo, nossa filha Juliana tinha dois anos. Nosso ramo, no bairro do Tucuruvi, Brasil, era tão pequeno que nos reuníamos numa casa na Avenida Nova Cantareira. Por alguma razão, após freqüentarmos as reuniões da Igreja por menos de um ano, nós nos afastamos.

Em 1983, no período em que nos mudamos para Guarulhos, não tínhamos nenhum desejo de voltar para a Igreja e havíamos perdido completamente o contato com os membros. Essa foi uma época de grande dificuldade para nós. Um dia, enquanto fazia uma faxina em casa, meu marido e eu decidimos jogar no lixo todos os velhos livros da Igreja. Entre eles havia um exemplar do Livro de Mórmon.

Durante todo o tempo em que o livro estivera conosco, nunca o abríramos. Porém quando íamos jogá-lo no lixo, Juliana, que naquele tempo tinha quatro anos de idade, viu a figura do anjo Morôni na capa e disse: "Não, mamãe, não jogue esse livro fora!". Pensei em jogá-lo de qualquer forma, mas olhei para meu marido e ele olhou para mim. Decidimos atender ao pedido de nossa filha.

E assim o livro permaneceu em nossa casa.

Em 1987, dei à luz nossa terceira filha e passei por momentos difíceis, com problemas de saúde. Iniciei uma busca da verdade, tentando encontrar algumas respostas para a razão de sentir-me tão infeliz. Em desespero, comecei a acreditar que não havia mais salvação para mim.

Um dia, em 1989, o Senhor inspirou-me a pegar o Livro de Mórmon. Comecei a lê-lo — e descobri que quase não conseguia parar. Esperava ansiosamente pelo amanhecer de cada dia a fim de continuar sua leitura. O Espírito dentro de mim era tão forte que eu chorava. Finalmente, entendi o quanto havia perdido por deixar os caminhos do Senhor onde uma vez estivera.

Resolvi procurar a Igreja. Achei o número na lista telefônica e disquei. Começamos a ir às reuniões novamente e continuamos ativos a partir desse dia. Agora, meu marido e eu já estivemos no templo e fomos selados como família pela eternidade.

Sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro e que, se nós o estudarmos constantemente, encontraremos força para sobrepujar qualquer obstáculo. Agradeço ao Pai Celestial tanto por minhas bênçãos como por minhas provações — e por inspirar nossa filha a evitar que jogássemos fora o Livro de Mórmon. Sei que, se tivesse jogado fora o livro, teria jogado fora minha felicidade. □

"EIS QUE EU SOU JESUS CRISTO"

UM RELATO VISUAL DA VISITA DO SENHOR JESUS CRISTO AOS NEFITAS NAS AMÉRICAS

Entre 559 a.C. e 545 a.C., o profeta Néfi escreveu a respeito do futuro ministério do Senhor Jesus Cristo entre os nefitas e lamanitas. Ele profetizou: "Depois de haver Cristo ressuscitado dentre os mortos, aparecerá a vós, meus filhos e meus amados irmãos; e as palavras que ele vos disser serão a lei que devereis cumprir (. . .)

Meu povo receberá sinais de seu nascimento e também de sua morte e ressurreição (. . .)

O Filho da Retidão aparecer-lhes-á e curá-los-á; e eles terão paz com ele". (2 Néfi 26:1, 3, 9)

Por cerca de seiscentos anos, os nefitas e lamanitas dignos aguardaram a vinda de Cristo. Então, no trigésimo quarto ano após os sinais do nascimento de Cristo, surgiram os

sinais de Sua morte — uma grande tormenta, acompanhada por terremotos, grandes cataclismos e três dias de trevas espessas e impenetráveis. Algum tempo depois, quando o povo se encontrava reunido no templo da terra de Abundância "[conversando] sobre esse Jesus Cristo, de cuja morte haviam recebido o sinal. (. . .) eis que viram um Homem descendo do céu; e ele estava vestido com uma túnica branca; e ele desceu e colocou-se no meio deles; e os olhos de toda a multidão estavam voltados para ele (. . .).

E aconteceu que ele estendeu a mão e falou ao povo, dizendo:

Eis que eu sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi testificada pelos profetas". (3 Néfi 11:2, 8–10)

Assim começou o ministério do Senhor Jesus Cristo ressuscitado entre o povo do hemisfério ocidental. Seguem-se trabalhos artísticos representando alguns dos eventos descritos em 3 Néfi 11–28.

— *Kathryn L. Poulter*

Jesus Cristo Visita as Américas, **de John Scott. "(. . .) viram um Homem descendo do céu; (. . .) e ele desceu e colocou-se no meio deles; e os olhos de toda a multidão estavam voltados para ele (. . .)" (3 Néfi 11:8)**

***Acima: Cristo Orando com os Nefitas*, de Ted Henninger.**
"E desta forma testemunham: Os olhos jamais viram e os ouvidos jamais ouviram, até agora, (. . .) E não há língua que possa expressar nem homem que possa escrever nem pode o coração dos homens conceber coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer; e ninguém pode calcular a extraordinária alegria que nos encheu a alma na ocasião em que o vimos orar por nós ao Pai."
(3 Néfi 17:16–17)

***À esquerda: Cristo e as Crianças do Livro de Mórmon*, de Del Parson.**
"E pegou as criancinhas, uma a uma, e abençoou-as e orou por elas ao Pai. (. . .) E dirigindo-se à multidão, disse-lhes: Olhai para vossas criancinhas. E ao olharem, (. . .) viram (. . .) anjos descendo dos céus, como se estivessem no meio de fogo; e eles desceram e cercaram aqueles pequeninos (. . .); e os anjos ministraram entre eles."
(3 Néfi 17:21, 23–24)

Acima: O Sacramento no Novo Mundo, de Minerva Teichert. "E quando os discípulos chegaram com pão e vinho, Jesus tomou do pão e partiu-o e abençoou-o; e deu a seus discípulos e mandou que comessem. E quando eles acabaram de comer e achavam-se fartos, mandou que dessem à multidão." (3 Néfi 18:3–4)

À direita: Jesus Cristo e os Discípulos Nefitas, de Gary Kapp. "Mais bem-aventurados sois, porque nunca provareis a morte; mas vivereis para ver todas as obras do Pai entre os filhos dos homens, até que todas as coisas sejam cumpridas de acordo com a vontade do Pai, quando virei em minha glória com os poderes do céu." (3 Néfi 28:7).

Acima: Trazei o Registro, de Robert T. Barrett.
"E aconteceu que ele disse a Néfi: Trazei o registro que vós escrevestes. (. . .) E então aconteceu que depois de haver explicado em uma todas as escrituras que haviam registrado, Jesus ordenou-lhes que ensinassem as coisas que ele havia explicado."
(3 Néfi 23:7, 14)

À direita: E Ele Curou a Todos, de Gary Kapp.
"E aconteceu que (. . .) toda a multidão, de comum acordo, adiantou-se com seus doentes e seus aflitos e seus coxos; e com seus cegos e com seus mudos e com todos aqueles que estavam aflitos de qualquer forma; e ele curou a todos, à medida que foram conduzidos a sua presença."
(3 Néfi 17:9) □

Um Único Aluno

Beatriz Ester Pérez Cortés

Em 1974, quando eu tinha apenas 17 anos, fui chamada como professora do seminário do Ramo de Maipú, em Santiago do Chile. No começo, eu tinha dezesseis alunos.

Os limites do ramo abrangiam um extenso território naquela época, e alguns dos alunos tinham que viajar longas distâncias para chegarem ao seminário. Eu precisava caminhar vinte e cinco quarteirões até a casa antiga e sem aquecimento onde nos reuníamos. Mas estava muito animada com o chamado, e aquela velha casa parecia para mim o lugar mais bonito do mundo. Ao iniciarmos o curso de história da Igreja, tudo parecia ir bem e o entusiasmo era grande.

Então, chegou o outono. À medida que a temperatura caía, a freqüência caía também. Fizemos uma campanha de reativação para motivar os alunos a continuarem comparecendo. O esforço foi bem sucedido por algum tempo. Mas o inverno substituiu o outono e o frio aumentou, tornando ainda mais difícil o comparecimento dos alunos. Um número cada vez menor deles freqüentava regularmente as aulas.

Depois de algum tempo, havia apenas três alunos. Era uma decepção. Eu não tinha experiência como professora, mas possuía fé e testemunho e continuei a preparar cada aula com zelo e dedicação. Diariamente, enquanto caminhava para a aula, eu orava durante quase todos os passos do caminho, sentindo-me muito próxima do Pai Celestial. Quando chegava à sala de aula, estava cheia do Espírito e tão feliz como se houvesse muitos alunos presentes.

Em outras ocasiões, sentia falta de confiança e perguntava-me se deveria prosseguir. Isso aconteceu durante uma reunião de distrito em que foi feita uma chamada dos alunos do seminário. Quando o nome do Ramo Maipú foi mencionado, apenas dois de nós dissemos "presente": um aluno e eu. Todos riram! Foi como se eu houvesse levado um tapa no rosto e quis pedir aos líderes que cancelassem a classe. Entretanto, a doce influência do Espírito logo se fez sentir e incentivou-me a continuar. Tomei a decisão de perseverar até o fim.

Quando se realizou a cerimônia de formatura do seminário, três participantes do Ramo Maipú cumpriram os requisitos para receberem certificados. Apenas um deles, Pedro Baillón, estava presente para receber o seu. Mas isso não importava. Eu já compreendera que havia um propósito maior em meu serviço e sabia que aquele ano tinha um grande significado para mim, bem como para Pedro.

Jamais esqueci Pedro Baillón. E jamais esqueci um dos períodos mais espirituais de minha vida. □

O Espírito de Elias

Presidente Gordon B. Hinckley

Considero significativo que, no início desta dispensação, a primeira visita de Morôni ao menino Joseph Smith, na noite de 21 de setembro de 1823 tenha sido o prenúncio do notável trabalho de história da família da Igreja. Em resposta à súplica de Joseph, seu quarto encheu-se de luz até ficar "mais claro que a luz do meio-dia" (Joseph Smith — História 1:30), e um personagem, pairando no ar, apareceu diante dele.

Chamando o rapaz de dezessete anos pelo primeiro nome, disse que "era um mensageiro enviado da presença de Deus e que se chamava Morôni; que Deus tinha um trabalho a ser feito por [Joseph]; e que [seu] nome seria conhecido por bem ou por mal entre todas as nações, famílias e línguas". (Versículo 33)

Referiu-se, então, ao registro do Livro de Mórmon. Após discorrer detalhadamente a esse respeito, citou trechos do livro de Malaquias, particularmente os últimos versículos, com alguma diferença em relação ao que se lê na versão do Rei Jaime da Bíblia.

Declarou: "Eis que Eu vos revelarei o sacerdócio pela mão do Profeta Elias, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor. (. . .)

E ele plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, e os corações dos filhos voltarão aos pais. Se assim não fora, toda a terra seria totalmente destruída na Sua vinda." (Versículos 38–39)

Repito, meus irmãos e irmãs: Considero tremendamente significativo que essa declaração, a repetição das maravilhosas palavras de Malaquias a respeito do trabalho pelos mortos, tenha sido dada ao menino Joseph quatro anos antes de ele receber permissão para retirar as placas do monte. Foi dada antes de Joseph receber o Sacerdócio Aarônico ou o de Melquisedeque, e bem antes da organização da Igreja.

Isso indica qual a prioridade desse trabalho no plano do Senhor.

Somente em 1836, Elias, o Profeta, manifestou-se trazendo as chaves dessa obra. Pouco pôde ser feito nesse campo nos anos que se seguiram. No entanto, pode alguém acaso duvidar da importância a ele atribuída pelo Todo-Poderoso, que em Sua infinita sabedoria estabeleceu um plano pelo qual os benefícios da expiação realizada por Seu Filho se estendessem a todos os filhos e filhas de Deus, de todas as gerações? Sem essa obra, como bem explicou o Senhor, todo o propósito de criar e povoar a Terra seria frustrado e desperdiçado. (Ver Joseph Smith — História 1:39.)

Existem atualmente muitas sociedades genealógicas e de história da família no mundo. Creio que todas surgiram depois da visita de Elias, o Profeta. Uma das mais antigas e importantes é a Sociedade Histórica e Genealógica da Nova Inglaterra, organizada em 1844, ano da morte do Profeta. Desde essa época, particularmente nestes últimos anos, o interesse por história da família aumentou consideravelmente e o Departamento de História da Família da Igreja foi ampliado para acompanhar a demanda.

Quando se organizou a Sociedade Genealógica de Utah, em 1894, os membros fundadores contribuíram com 11 volumes. Esse acervo inicial cresceu, transformando-se numa biblioteca de 258.000 volumes. A cada mês, milhares de livros são acrescentados a essa coleção.

O acervo inclui também 1,9 milhões de rolos de microfilmes, aos quais são acrescentados 5.000 novos rolos a cada mês. É a maior coleção de dados de história da família do mundo.

Apenas alguns de nossos membros usavam os limitados recursos de história da família que a Igreja possuía na virada do século. Como tudo isso mudou! Em cada um dos últimos cinco anos, mais de 750.000 pesquisadores consultaram a biblioteca principal de Salt Lake City e os mais de 2.650 centros de história da família espalhados pelo mundo. Aproximadamente 40 por cento dos usuários da Biblioteca da História da Família e 60 por cento dos usuários dos centros locais não são membros da Igreja. Oferecemos um imenso serviço aos que não são de nossa religião.

Não há nada que se compare a esse tesouro de história da família em toda a face da Terra. Sinto que o Senhor assim o quis. Esta é Sua Igreja, que leva o Seu nome e tem como um de seus objetivos dar aos milhões que se encontram além do véu a oportunidade de obterem todas as bênçãos que os conduzirão à vida eterna.

Existem milhões de pessoas em todo o mundo pesquisando para obter registros de história da família. Por quê? Por que fazem isso? Creio que foram tocadas pelo espírito dessa obra, que chamamos de espírito de Elias. É algo que volta o coração dos filhos para os pais. A maioria das pessoas não compreendem o verdadeiro propósito desse trabalho e, talvez, sejam movidas pela curiosidade.

Deve haver um propósito para tamanho dispêndio de tempo e dinheiro. Esse propósito, do qual prestamos solene testemunho, é o de identificar as gerações das pessoas falecidas para que se realizem as ordenanças em favor delas, sejam abençoadas e tenham progresso eterno.

Os verdadeiros frutos dessa busca de nomes somente podem ser colhidos na casa do Senhor: os templos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. À medida que o trabalho de pesquisa de história da família cresce e progride, aumenta o número de templos. Mais templos foram construídos e dedicados nos últimos doze anos do que em toda a história prévia da Igreja. Esta é uma grande época da construção de templos e da freqüência ao templo. Muitos belos edifícios foram dedicados recentemente. Vários outros estão em fase de construção ou planejamento.

A Biblioteca da História da Família da Igreja cresceu e tornou-se a maior coleção de dados de história da família do mundo.

FOTOGRAFIA DE JED CLARK

Tenho certeza de que o Senhor nos dará permissão e orientação para continuarmos a construir esses edifícios sagrados, se formos dignos deles. A prova mais importante dessa dignidade é fazermos o trabalho de pesquisa que dá esteio à obra principal realizada nos templos.

A obra do Senhor é uma obra de salvação. De quem? Pela graça de nosso Pai Celestial e sem qualquer esforço por parte dos beneficiários, o sacrifício expiatório do Filho de Deus permite que todos ressuscitem dos mortos. Além disso, em virtude desse sacrifício divino e pela infinita graça e bondade de Deus, a oportunidade de vida eterna pode ser estendida a todos, por meio de trabalho individual e vicário.

A obra realizada na casa do Senhor, que deve ser precedida pelo trabalho de pesquisa, está mais próxima do espírito do sacrifício do Senhor do que qualquer outra atividade que conheço. Por quê? Porque é realizado por pessoas que doam tempo e recursos, sem esperar qualquer gratidão ou recompensa, fazendo por outras pessoas o que elas não podem fazer por si mesmas.

Grande é nossa missão e imensa nossa responsabilidade. Numa mensagem a todo o mundo, proferida em 1907, a Primeira Presidência eloqüentemente descreveu essa missão, declarando:

"Nossos motivos não são egoístas; nossos propósitos não são mesquinhos nem terrenos; consideramos que a raça humana — passada, presente e futura — é composta de seres imortais, por cuja salvação temos o dever de trabalhar; e a esse trabalho, imenso como a eternidade e profundo como o amor de Deus, devotamo-nos hoje e sempre". [James R. Clark, comp., *Messages of the First Presidency of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints (Mensagens da Primeira Presidência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias)*, 6 volumes (1965–1976), 4:155.] □

(Adaptado de um discurso proferido em 13 de novembro de 1994, numa transmissão via satélite em homenagem ao Presidente Howard W. Hunter e em comemoração do centésimo aniversário da Sociedade Genealógica de Utah, precursora do atual Departamento de História da Família.)

FOTOGRAFIA DO TEMPLO DE JORDAN RIVER DE GLEN HARDLEY

PIA BATISMAL DO TEMPLO DO HAVAÍ. COPYRIGHT CORPORAÇÃO DO PRESIDENTE DA IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS; NÃO SÃO AUTORIZADAS NEM PERMITIDAS QUAISQUER REPRODUÇÕES.

A obra realizada na casa do Senhor está mais próxima do espírito do sacrifício do Senhor do que qualquer outra atividade que conheço.

Uma Obra Maravilhosa

Marcelino Fernández Rebollos Suárez

Quando me batizei em 1973, a doutrina da redenção dos mortos impressionou-me profundamente. Como membro novo da Igreja, assumi o compromisso de fazer o trabalho vicário pelos meus antepassados que morreram sem o conhecimento do evangelho.

Naquela época eu morava em Madri, Espanha, cerca de 500 quilômetros de Astúrias, o pequeno lugar em que nasci — e onde, supostamente, estava a maior parte dos registros de meus antepassados. Aproveitei muitos períodos de férias e finais de semana viajando milhares de quilômetros para procurar esses registros. Algumas vezes tranquei-me dias inteiros nos escritórios das paróquias das Igrejas Católicas, rodeado por velhos registros, freqüentemente ilegíveis.

O amor que senti por meus antepassados ajudou-me a sobrepujar essas inconveniências. Limpei a sujeira, remendei os livros e páginas rasgadas e aprendi a ler os muitos e muitos livros que me caíram nas mãos. Com a ajuda dos registros dessas paróquias, assim como dos registros civis e familiares, testamentos, jornais e fotografias, comecei a juntar a história da vida de meus antepassados. Vim a conhecê-los de certo modo, rejubilando-me com sua felicidade e compadecendo-me de suas tristezas.

Mas chegou a hora em que me pareceu nada mais poder fazer. Registros demais haviam sido destruídos. Astúrias fora uma das áreas onde mais lutas se travaram na história da Espanha e destruíram-se muitos registros durante seus conflitos. Tentei ir adiante usando as fontes de recurso familiares, porém sem muito sucesso.

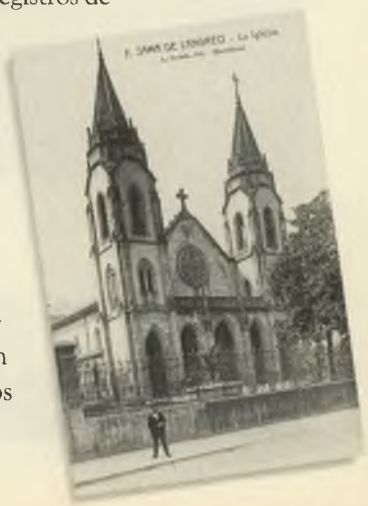
Algumas vezes fiquei desmotivado ao pensar em quão fácil fora para algumas pessoas fazerem suas pesquisas de história familiar. Li na *Liahona* relatos miraculosos de pessoas que haviam conseguido as informações necessárias. Por que isso não poderia acontecer comigo? Os registros de que precisava deveriam estar em algum lugar.

Em 1994, decidi tirar férias numa certa área e lá visitar as paróquias uma vez mais. Como sempre, depois de terminar a pesquisa, estava exatamente no lugar onde começara. Senti-me um tanto desanimado. Durante vinte anos usara todas as minhas férias, atravessara milhares de quilômetros, pesquisara pilhas de livros, falara com centenas de pessoas e gastara muito dinheiro. Mas para quê?

Minha esposa e eu fizemos as malas para voltarmos para Madri. Então, no último momento, decidi tentar mais uma vez. Voltei a uma das igrejas que visitara tantas vezes antes.

Porém dessa vez, ao examinar um certo registro, os muitos nomes e datas que precisava repentinamente apareceram bem diante de meus olhos! Minhas pernas fraquejaram e um grande grito de alegria me veio à garganta. Meus olhos encheram-se de lágrimas.

Não havia encontrado a informação em qualquer de minhas tentativas anteriores, porque os nomes haviam sido incorretamente registrados. Mas uma vez descoberto, esse precioso registro levou-me até os outros que não haviam sido destruídos pela guerra — registros de cuja existência nunca soubera. Agora o trabalho do templo poderia ser feito por esses antepassados!



Retornei a Madri sentindo-me extremamente abençoado. Como Néfi, eu sabia que nosso Pai Celestial nos ama e nunca nos dá um mandamento sem preparar um caminho para que possamos cumpri-lo. □

Um forte desejo de ir ao templo da Suíça, *acima*, pois os antepassados do irmão Rebollos, *à direita*, motivaram-no numa busca de 20 anos de registros familiares em muitos lugares, incluindo uma Igreja em Barcelona, Espanha, *abaixo à esquerda*.

TEMPO PARA ARREPENDER-SE

Christopher Chetwynd
ILUSTRADO POR BRYAN LEE SHAW

Para que eu pudesse receber o testemunho que desejava, precisaria primeiro pedir perdão.

Nos primeiros estágios de minha amizade com Michelle, tudo o que sabia a seu respeito era serem seus valores muito mais fortes do que os de meus outros amigos. Somente descobri que ela era mórmon quando fui convidado para uma noite familiar em sua casa.

Nessa reunião familiar, o evangelho foi-me apresentado por dois maravilhosos missionários. Quando eles perguntaram se eu gostaria de ouvir as palestras, senti algo estranho, mas agradável. Aceitei.

Após ter ouvido as palestras e obtido respostas a minhas dúvidas, marquei uma data para o batismo. Mas embora me sentisse bem a respeito da decisão, queria algum tipo de confirmação de que estava fazendo a coisa certa. Comecei a buscar desesperadamente uma resposta para minha pergunta: "A Igreja é verdadeira?". Orava pela manhã, ao meio-dia e à noite, mas não parecia estar conseguindo resultados.

Então conheci Davie Wilden, um membro da Igreja. Depois de passarmos muitas horas juntos lendo e conversando, decidimos que era tempo de orar. Ajoelhamo-nos e Davie orou primeiro, pedindo ao Pai Celestial que me ajudasse; depois foi a minha vez.

Havia apenas começado minha oração quando ouvi uma voz. Ela dizia: "Peça *perdão*. Apenas peça *perdão*".

Orei com todo o fervor para o Pai Celestial perdoar meus pecados. Uma sensação agradável e vibrante percorreu-me os braços e pareceu trespassar-me o peito. Cinco dias mais tarde fui batizado.

A partir desse dia, meu testemunho do evangelho tem crescido cada vez mais. Exatamente um ano e dois dias depois de ser batizado, entrei no CTM da Nova Zelândia, pois fora chamado para servir como missionário em Perth, Austrália. Agora experimento a mesma alegria das pessoas que me ensinaram o evangelho — a de partilhar meu testemunho com os outros. □

POSSO FAZER TODAS AS COISAS POR MEIO DE CRISTO

"Paz seja com a tua alma." (D&C 121:7)

Todos nós enfrentamos dificuldades — seja a tensão na tentativa de cumprir compromissos financeiros, a luta para encontrar um companheiro eterno ou edificar um casamento seguro e criar filhos fiéis, ou a solidão inesperada do divórcio ou da viuvez. Parte de nossa experiência mortal, na realidade, consiste em passar por provações. (Ver 2 Néfi 2:11–12.)

Não precisamos, contudo, enfrentar a adversidade sozinhos. O Presidente Gordon B. Hinckley roga-nos que cultivemos "uma fé simples, uma convicção inquestionável, de que o Deus do Céu em Seu poder fará todas as coisas corretamente e realizará Seus propósitos eternos na vida de Seus filhos". (*Ensign*, julho de 1984, p. 6.)

PODEMOS RECEBER O DOM DE PAZ DO SENHOR

Quando acreditamos que "podemos fazer todas as coisas por meio de Cristo" (Filipenses 4:13), nossos fardos tornam-se mais leves.

Mervyl Meyer, da África do Sul, recebeu este grande dom na ocasião da morte da mãe de 93 anos de idade. Como única filha, Mervyl sentiu profundamente sua perda. Ela percebeu que a morte da mãe fora um alívio para a dor e a frustração da idade avançada, mas sentia falta de sua companhia.

Certa manhã, num sábado, enquanto Mervyl preparava o jardim para o plantio da primavera, ela recapitulava mentalmente a lição da Sociedade de Socorro que ensinaria no domingo. O tema da aula era a glória paradisíaca que a Terra desfrutará durante o Milênio. Apesar de ter orado a respeito da lição — e da promessa nela contida, referente à ressurreição da mãe — seu coração muito se entristecia ao pensar no corpo enterrado no fundo da terra. Ela temia não tornar a ver a mãe.

Enquanto trabalhava, porém, foi tocada pelo Espírito. "Ponderei a respeito da lição. Ocorreu-me que a terra na qual eu estava trabalhando era a mesma terra que abrigava os restos mortais de minha mãe. Enquanto colocava as mãos no rico solo marrom, recebi uma certeza pessoal da renovação de toda a vida, da Ressurreição. Senti-me em paz."

O SENHOR PODE FORTALECER-NOS NAS PROVAÇÕES

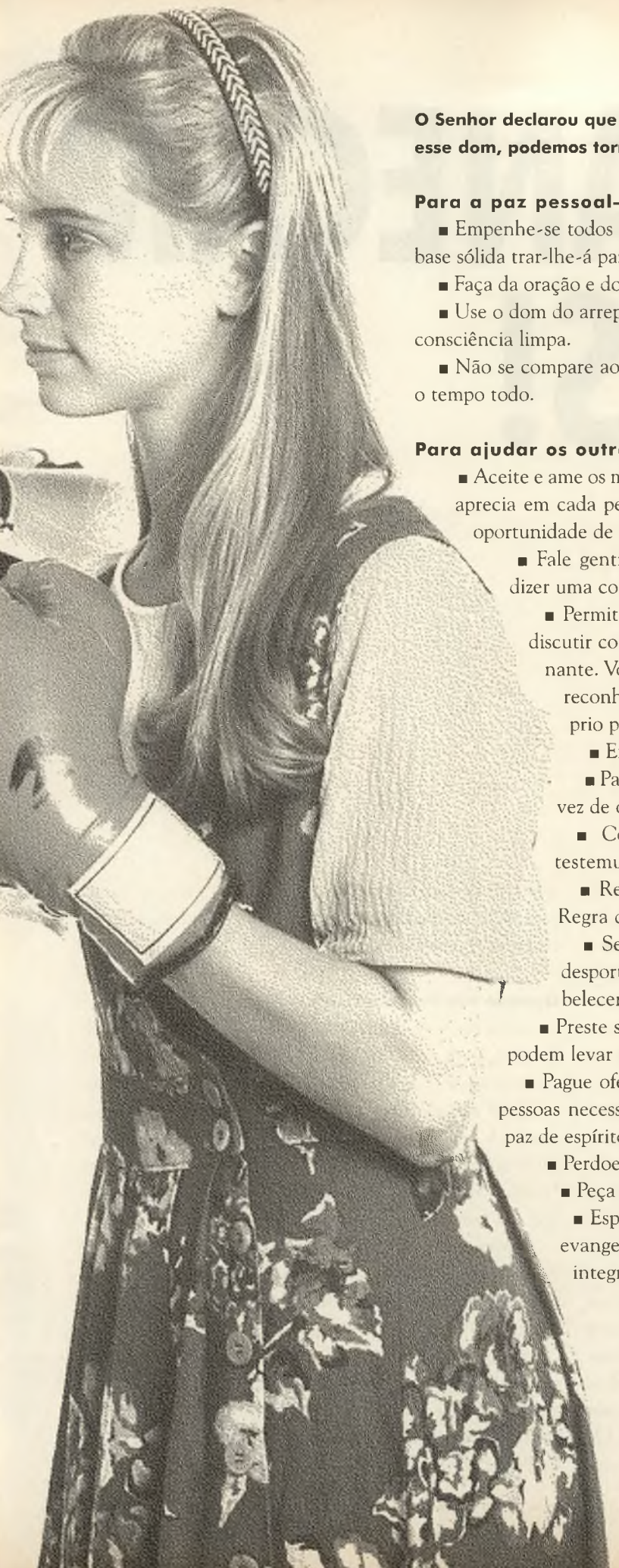
O Senhor fortalecer-nos-á em nossas provações — se buscarmos Sua ajuda e abrirmos o coração e a mente para a influência de Seu Espírito. Um dos meios mais eficazes de conseguirmos isso é tratando os outros com bondade. O serviço enternece-nos o coração e volta nossa mente para o Espírito. A participação no sacramento renova os convênios que nos propiciam a presença do Espírito. A bênção patriarcal e as demais bênçãos do sacerdócio dão-nos um senso de perspectiva e discernimento. Podemos encontrar amizade verdadeira e compaixão em nosso relacionamento com as irmãs da Sociedade de Socorro. A boa música e a literatura inspirada podem consolar-nos e fortalecer-nos.

Cada uma dessas coisas, unida ao desejo de fazer a vontade de Deus, pode trazer o Senhor para nossa vida. Quando isso acontece, podemos sinceramente dizer: "Confio em ti sem vacilar e sempre te amarei; a tua vontade farei, ó Senhor" (*Hinos*, nº 167). Quando confiamos Nele assim, temos a promessa: "Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós". (João 14:18)

- *Como a prática dos princípios básicos do evangelho, assim como exercitar a fé, ajuda-nos a enfrentar nossas dificuldades pessoais?*
- *Como podemos ajudar as pessoas que enfrentam provações a receber consolo e paz?* □

Manter a Paz

Tamara Leatham Bailey
FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON



O Senhor declarou que nos dará paz. (Ver João 14:27.) Compartilhando esse dom, podemos tornar-nos pacificadores.

Para a paz pessoal—

■ Empenhe-se todos os dias em fazer de Cristo o centro de sua vida. Esta base sólida trar-lhe-á paz mental e fortalecê-lo-á em todas as suas atividades.

■ Faça da oração e do estudo das escrituras uma parte de sua rotina diária.

■ Use o dom do arrependimento. A verdadeira paz só é possível com uma consciência limpa.

■ Não se compare aos outros. Aceite-se como você é e dê o melhor de si o tempo todo.

Para ajudar os outros a encontrar paz—

■ Aceite e ame os membros de sua família. Identifique as coisas que você aprecia em cada pessoa e concentre-se nesses atributos. Quando tiver oportunidade de elogiar um membro da família, faça-o!

■ Fale gentilmente. Lembre-se do ditado: "Se você não puder dizer uma coisa agradável, não diga coisa alguma".

■ Permita que as pessoas expressem opiniões diferentes sem discutir com elas. A variedade faz com que a vida seja emocionante. Você não tem que concordar com todas as pessoas, mas reconheça e respeite o direito dos outros de terem seu próprio ponto de vista.

■ Expresse suas opiniões calmamente.

■ Participe quando sua família orar junta. Quando for sua vez de orar, ore por paz e amor em seu lar.

■ Compartilhe o evangelho de paz, prestando seu testemunho.

■ Respeite as crenças religiosas dos outros. (Ver a 11ª Regra de Fé.)

■ Seus atos devem representar suas crenças. O espírito desportivo, a honestidade e a diversão sadia ajudarão a estabelecer a paz.

■ Preste serviços aos outros. Mesmo pequenos atos de serviço podem levar paz a uma outra pessoa.

■ Pague ofertas de jejum. Esse dinheiro é usado para ajudar as pessoas necessitadas. Essa doação pode ajudar a propocionar-lhes paz de espírito.

■ Perdoe aqueles que o ofenderam.

■ Peça perdão aos outros.

■ Espalhe a paz que está em seu coração, proclamando o evangelho diariamente e servindo uma missão de tempo integral, quando lhe for concedida essa oportunidade. □

PERMANEÇAM FIRMES!

Élder James M. Paramore
Dos Setenta

ILUSTRADO POR GREG NEWBOLD

Quando eu era um jovem missionário servindo em Paris, França, tive várias oportunidades de subir ao alto da Torre Eiffel, 102 andares acima do solo.

A torre terminou de ser construída em 1889, como parte de uma exposição internacional. Nos primeiros dias, várias pessoas caíram e morreram porque a cerca que circundava a plataforma superior não era suficientemente alta. Desde aquela época, instalou-se uma proteção bem alta de vidro e arame, tornando praticamente impossível que alguém venha a cair. Num dia de vento, a parte superior da torre pode chegar a oscilar mais de meio metro. É assustador ficar lá em cima nessas ocasiões. Mesmo assim, os visitantes têm permisão de subir até a plataforma mais alta, de onde podem avistar uma extensão de vários quilômetros e tirar fotografias em todas as direções, sentindo-se totalmente seguros graças à cerca de proteção. Ela resguarda-os e proporciona-lhes uma enorme sensação de segurança. Os visitantes ficam tranqüilos porque sabem que a cerca está ali para protegê-los.

Tal como essa cerca, os padrões são limites que nos protegem de danos espirituais e, muitas vezes, físicos. Os padrões estão em toda parte. Estão presentes em todos os aspectos de nossa vida, desde o instante em que nascemos. São necessários para nossa segurança, crescimento, desenvolvimento e felicidade.

Quando não Existem Limites

Certa vez, nossa filha mais velha não recebeu a devida atenção de sua babá, que lhe permitiu engatinhar por onde quisesse. Engatinhou por sobre a saída de ar do sistema de aquecimento central e ficou gravemente queimada. A grade estava tão quente que lhe penetrou profundamente na pele. Sua perna ficou parecendo um "waffle". Ainda hoje possui cicatrizes do acidente, porque um limite necessário não lhe foi imposto.

Moramos, certa época, em uma pequena casa na qual os padrões de construção dos alicerces foram totalmente ignorados. Com o passar do tempo, o chão começou a inclinar-se em muitas direções. Quando meus filhos constroem uma casa, seguem rígidos padrões de construção, a começar pela preparação e compactação do solo, antes do início da construção propriamente dita. Isso garante que a casa, depois de construída, suporte o teste do peso e do tempo.

Liberdade de Escolha

Meus amigos, o corpo espiritual e a mente, tal como o corpo físico, compõem-se das coisas com que os nutrimos. Em viagem recente, minha mulher e eu bebemos água a que não estávamos acostumados e passamos mal por várias semanas. A mente também é assim. É formada pelas coisas com que a alimentamos. O espírito é influenciado pelas coisas com que nutrimos o corpo e a mente.

Lembrem-se de que o corpo espiritual do homem é eterno. Quando uma pessoa morre, ocorre a separação entre o espírito e o corpo físico. O corpo físico torna-se sem vida, mas o espírito continua a viver e irá receber, esperamos, todas as bênçãos prometidas aos que usarem seu livre-arbítrio, na mortalidade, para escolher os padrões estabelecidos pelo Pai Celestial.

Imaginem a alegria que sentimos quando soubemos que uma bela Terra fora criada para nela habitarmos. Imaginem também nossa satisfação ao sabermos que não seríamos deixados sem padrões ou limites, os quais fariam que nos sentíssemos seguros e protegidos: padrões determinados pelo Pai Celestial para todos nós e que suportariam o teste do tempo. O Pai Celestial não nos deixaria sem essa grande proteção, apesar de nos conceder a liberdade de aceitá-los ou rejeitá-los. Ele nos ofereceria Seus caminhos, padrões, limites, inspiração e orientação, permitindo que exercêssemos nosso livre- arbítrio para aceitá-los ou rejeitá-los. Deixaria claro que Seus padrões são eternos, imutáveis, confiáveis e verdadeiramente seguros, assim como a cerca da Torre Eiffel.

Se permanecermos dentro dos limites prescritos, estaremos seguros e até mesmo tranqüilos. Não seremos, porém, compelidos a segui-los. Temos nosso livre-arbítrio, pois como ensinou o antigo profeta Jacó: "(. . .) Sois livres para agir por vós mesmos — para escolher o caminho da morte eterna ou o caminho da vida eterna". (2 Néfi 10:23)

Tecnologia Assombrosa

Tudo isso me conduz a um ponto importante. O mundo tecnológico em que vivemos hoje possui os mais notáveis avanços já vistos, que ampliam nosso conhecimento, compreensão e progresso. Os avanços nos meios de comunicação, por exemplo, são quase inacreditáveis. Ficamos assombrados ao vê-los surgirem cada vez mais rapidamente. Servi como missionário há 44 anos, quando a televisão era algo praticamente desconhecido. Não falta muito para que todos os tipos possíveis de informação para a televisão, o aparelho de som, o telefone e o computador, provenientes de centenas de estações ou fontes, sejam transmitidos por um único sistema de fibra óptica conectado a nossa casa. Que grande fonte de educação e entretenimento sadio isso será!

Isso, porém, também abre as portas para um tipo de entretenimento impróprio, em forma de vídeo, música ou outras coisas que influenciam o modo de pensar das pessoas e o que colocam na mente. Por fim, acabará influenciando nosso espírito eterno, na privacidade de nosso próprio lar. Isso fortalecerá os padrões ou irá enfraquecê-los?

Esses avanços são um teste para nosso livre-arbítrio. Será que iremos escolher os padrões da Igreja e vivê-los, mesmo que ninguém fique sabendo se o fazemos ou não? Escolheremos esses padrões, mesmo quando 60 a 70 por cento dos filmes e programas produzidos são considerados impróprios ou inadequados para nosso desenvolvimento espiritual? Se pudermos manter os padrões do Senhor hoje, será mais fácil fazê-lo sempre.

Um Padrão Claro

A Primeira Presidência deu-nos padrões referentes aos meios de comunicação em *Para o Vigor da Juventude*:

"Nosso Pai Celestial aconselhou os santos dos últimos dias a buscarem 'qualquer coisa virtuosa, amável, ou louvável'. (Décima Terceira Regra de Fé.) Tudo o que lerdes, ouvirdes ou a que assistirdes deixará em vós uma impressão. Os divertimentos públicos e os meios de comunicação podem proporcionar-vos muitas experiências positivas. Podem elevar-vos e inspirar-vos, ensinar-vos bons princípios morais e aproximar-vos mais da beleza que este mundo oferece, mas também podem fazer o que é ruim e mau parecer normal, emocionante e aceitável.

A pornografia é muito perigosa e pode criar um vício. A exploração curiosa da pornografia pode tornar-se um hábito dominante que leve a um material mais grosseiro e à transgressão sexual. Se continuardes a ver pornografia, vosso espírito se tornará insensível e vossa consciência não mais distinguirá o certo do errado. Ler ou ver pornografia pode trazer muito dano. Ela provoca, em vosso íntimo, pensamentos que enfraquecem a autodisciplina.

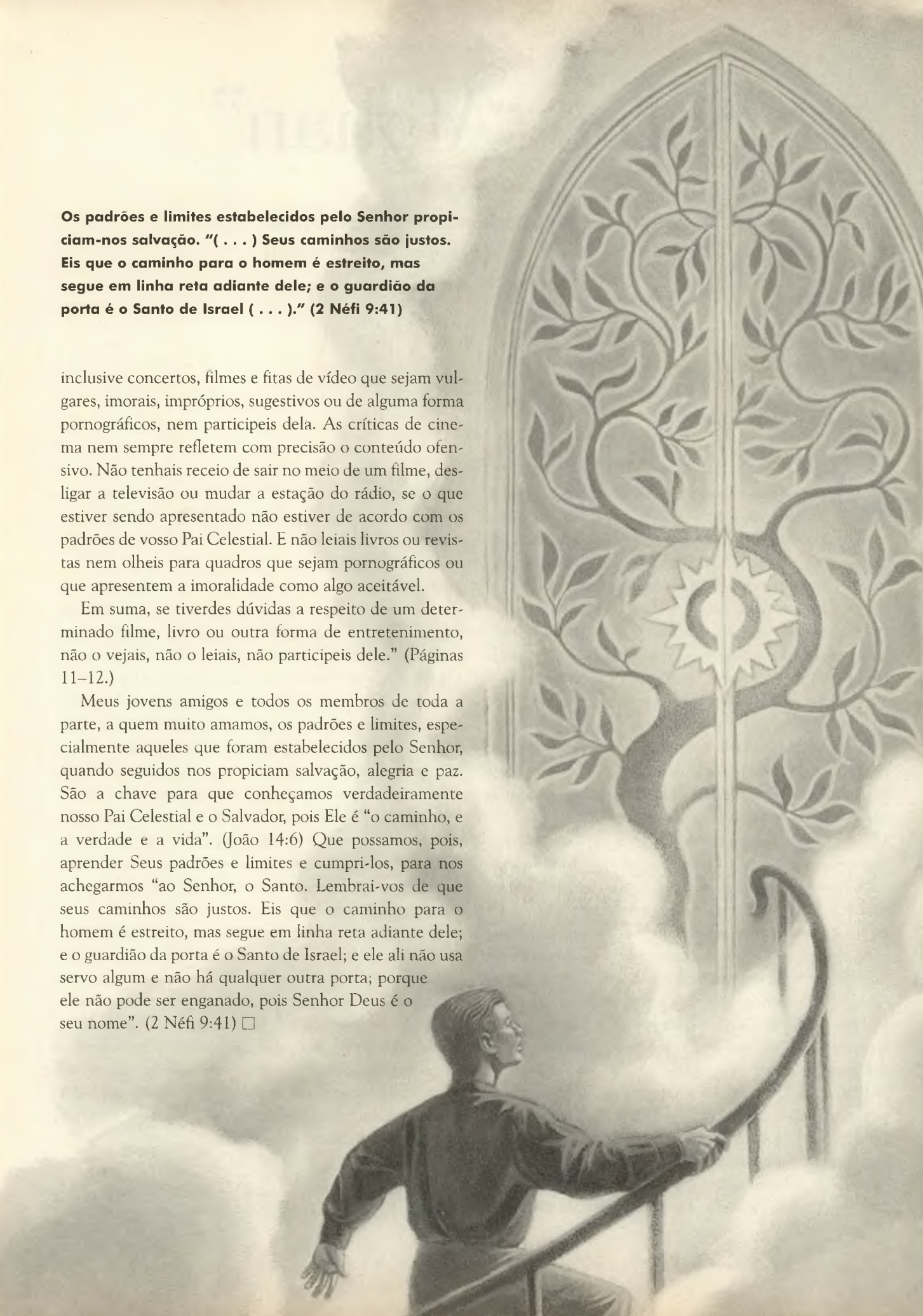
Não assistais a nenhuma forma de entretenimento,

Os padrões e limites estabelecidos pelo Senhor propiciam-nos salvação. "(. . .) Seus caminhos são justos. Eis que o caminho para o homem é estreito, mas segue em linha reta adiante dele; e o guardião da porta é o Santo de Israel (. . .)." (2 Néfi 9:41)

inclusive concertos, filmes e fitas de vídeo que sejam vulgares, imorais, impróprios, sugestivos ou de alguma forma pornográficos, nem participeis dela. As críticas de cinema nem sempre refletem com precisão o conteúdo ofensivo. Não tenhais receio de sair no meio de um filme, desligar a televisão ou mudar a estação do rádio, se o que estiver sendo apresentado não estiver de acordo com os padrões de vosso Pai Celestial. E não leiais livros ou revistas nem olheis para quadros que sejam pornográficos ou que apresentem a imoralidade como algo aceitável.

Em suma, se tiverdes dúvidas a respeito de um determinado filme, livro ou outra forma de entretenimento, não o vejais, não o leiais, não participeis dele." (Páginas 11–12.)

Meus jovens amigos e todos os membros de toda a parte, a quem muito amamos, os padrões e limites, especialmente aqueles que foram estabelecidos pelo Senhor, quando seguidos nos propiciam salvação, alegria e paz. São a chave para que conheçamos verdadeiramente nosso Pai Celestial e o Salvador, pois Ele é "o caminho, e a verdade e a vida". (João 14:6) Que possamos, pois, aprender Seus padrões e limites e cumpri-los, para nos achegarmos "ao Senhor, o Santo. Lembrai-vos de que seus caminhos são justos. Eis que o caminho para o homem é estreito, mas segue em linha reta adiante dele; e o guardião da porta é o Santo de Israel; e ele ali não usa servo algum e não há qualquer outra porta; porque ele não pode ser enganado, pois Senhor Deus é o seu nome". (2 Néfi 9:41) □



Sob o "Afghan"[1]

Jan Murray Smith

Coisas simples podem fazer de uma casa um lar — como orações, palavras amáveis, e até mesmo um "afghan".

Quando nos casamos, há 14 anos, meu marido e eu ganhamos um "afghan" de crochê de uma boa amiga de meus pais. Fiquei admirada de alguém gastar tanto tempo fazendo um presente de casamento para uma pessoa praticamente estranha.

Passados uns dias, meu marido e eu partimos para o que seria nosso novo lar. Aquecia minhas pernas contra o frio de dezembro com o "afghan". Minhas mãos acariciavam sua textura macia, enquanto minha mente divagava imaginando o que a vida de casada me traria.

Nosso primeiro lar foi um minúsculo quarto de hotel. Cozinhávamos nossos alimentos numa panela elétrica e o peitoril da janela era nossa geladeira. O "afghan" dava um toque doméstico muito necessário ao quarto cujas paredes eram de blocos de concreto.

Nossa residência seguinte foi uma casa nas montanhas. Aquele inverno foi muito rigoroso. Meu marido trabalhava até uma hora da manhã, não tínhamos telefone e o fogão de lenha mal afugentava o frio da sala. Eu estava esperando nosso primeiro filho e não me sentia bem. Assustava-me, às vezes, com os sons noturnos. O "afghan" tornou-se um refúgio para mim. Tempos depois, nossa filhinha nasceu e ambas nos aconchegávamos sob o cálido "afghan". Cada gravidez posterior significou mais repouso sob o "afghan" e mais um pequenino com quem compartilhá-lo.

Mudamos 15 vezes, desde que nos casamos. Toda vez eu preparo uma caixa especial rotulada "de casa para lar". Dentro dela coloco todas as fotos e outros tesouros que preciso para dar a meu novo lar a sensação adequada. O "afghan" é colocado nela em primeiro lugar e protege tudo o mais durante o transporte. É a primeira caixa que abrimos.

Muitas vezes, o "afghan" parece ser uma extensão de minha maternidade. Estendo-o dobrado sobre um filho doente ou algum outro que não se tenha aquecido suficientemente.

Aconchegamo-nos sob ele em nossas viagens através do país para visitar nossos avós. Ele já foi a queimas de fogos do Dia da Independência, a jogos de outono e acampamentos de verão. Quando recebemos visitas para passar a noite, ele pode manter duas crianças aquecidas no chão ou um adulto no sofá. Já passou uma semana no hospital, quatro dias num acampamento e uma manhã no jardim de infância, numa atividade em que as crianças mostram algo seu e falam sobre ele. Já foi disputado, transformado numa tenda e usado como um monstro que dá risada.

A torradeira, a batedeira, as panelas e o jarro de cristal que ganhamos em nosso casamento já se foram. Embora o "afghan" já não seja novo, ele ainda tem muito calor para compartilhar. Às vezes fico imaginando o que teríamos feito sem ele.

Anos atrás eu me perguntava por que a amiga de meus pais gastara tanto tempo fazendo um "afghan" para um casal que mal conhecia. Percebo agora que, com seu modo genti! de ser, ela estava compartilhando o conhecimento de como estabelecer um lar agradável, que adquirira ao criar a própria família. Seu presente ajudou-me a aprender que, ao enfrentar as dificuldades da vida, são as coisas simples que fazem de uma casa um lar: a oração, o estudo das escrituras, a música, os abraços, as palavras amáveis — até mesmo um "afghan". □

1. "afghan": cobertor (ou colcha) de crochê, feito com tiras ou quadrados de lã colorida, unidos por pontos de costura ou de crochê.

Os Alegres Santos de Porto Rico

Os visitantes sentem prazer no calor e beleza desta ilha, mas os santos dos últimos dias que aqui vivem sabem que a verdadeira alegria provém do evangelho.

LaRene Porter Gaunt
FOTOGRAFIA DE DAVID E LARENE GAUNT

As palavras encontradas nas placas dos carros de Porto Rico dizem tudo: "Porto Rico — A ilha do Encanto". Na verdade, embora com apenas 260 por 90 quilômetros, Porto Rico é cheia de cenários encantadores. Das florestas tropicais ao norte, no El Yunque, nas Montanhas Luquillo, a 1.100 metros de altitude, ao clima levemente seco do sul, cada vista inclui as montanhas, a costa marítima ou ambos. Os turistas chegam diariamente de avião e de navio para desfrutar a temperatura anual de 15 a 32 graus. Ao longo das praias arenosas, palmeiras elevadas apanham os ventos alísios, e sons farfalhantes incorporam-se à fragrância de plantas floridas. Natação, barcos à vela e banhos de sol preenchem os dias, e o riso e a música da vida noturna constituem-se numa atração contínua. Entretanto, os santos dos últimos dias que moram aqui aprenderam a verdade de D&C 101:36: "Neste mundo a vossa alegria não é completa, mas em Mim a vossa alegria é completa".

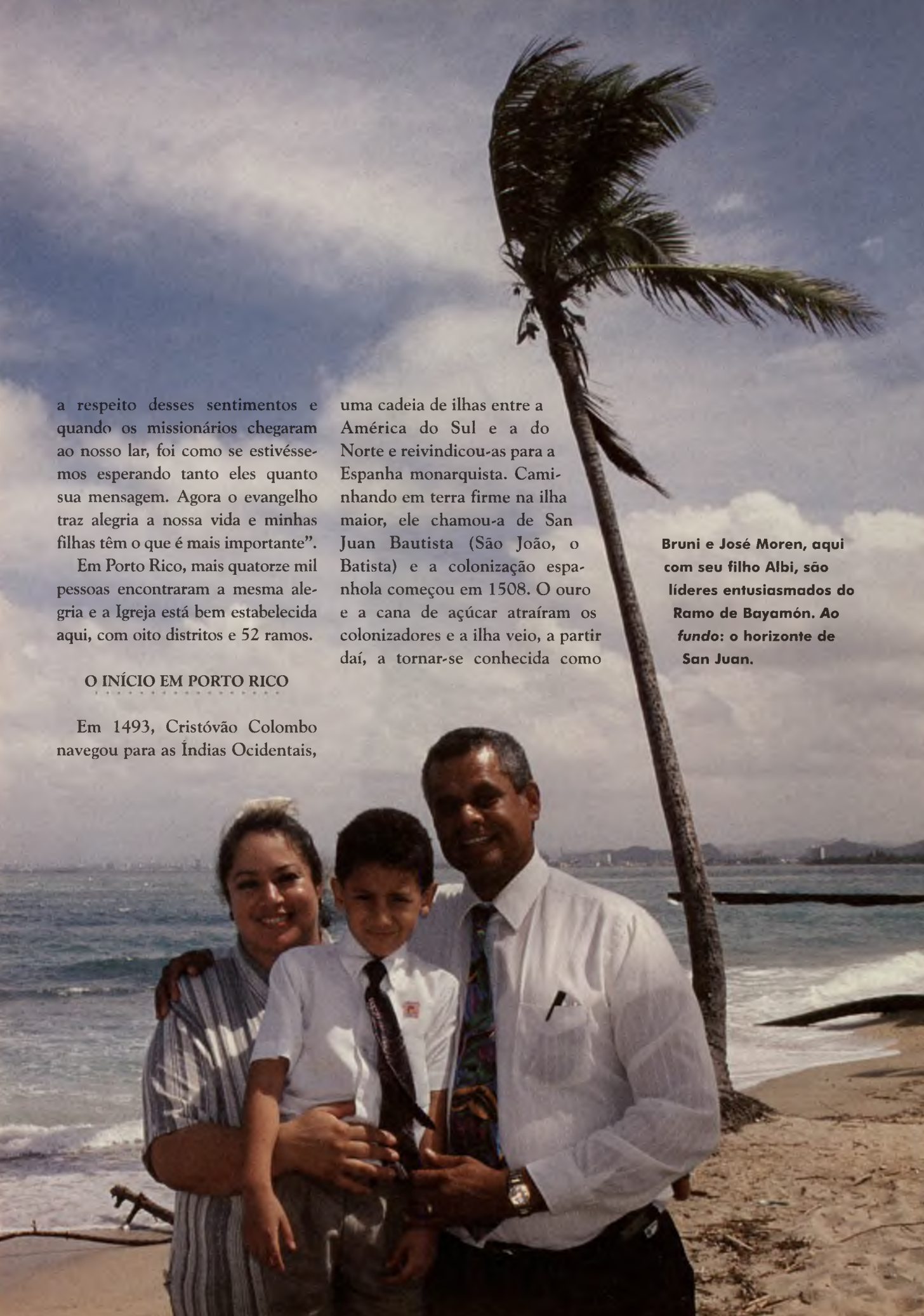
"Eu costumava passar muito tempo com meus amigos", diz Orlando Irizarry, um marceneiro de Cabo Rojo, "mas senti que faltava algo em minha vida. Eu e minha mulher Irma imaginávamos o que poderíamos dar de valor duradouro a nossas três filhas. Comecei a orar

a respeito desses sentimentos e quando os missionários chegaram ao nosso lar, foi como se estivéssemos esperando tanto eles quanto sua mensagem. Agora o evangelho traz alegria a nossa vida e minhas filhas têm o que é mais importante".

Em Porto Rico, mais quatorze mil pessoas encontraram a mesma alegria e a Igreja está bem estabelecida aqui, com oito distritos e 52 ramos.

O INÍCIO EM PORTO RICO

Em 1493, Cristóvão Colombo navegou para as Índias Ocidentais, uma cadeia de ilhas entre a América do Sul e a do Norte e reivindicou-as para a Espanha monarquista. Caminhando em terra firme na ilha maior, ele chamou-a de San Juan Bautista (São João, o Batista) e a colonização espanhola começou em 1508. O ouro e a cana de açúcar atraíram os colonizadores e a ilha veio, a partir daí, a tornar-se conhecida como



Bruni e José Moren, aqui com seu filho Albi, são líderes entusiasmados do Ramo de Bayamón. *Ao fundo*: o horizonte de San Juan.

Porto Rico. Sua interessante história através dos séculos inclui de tudo: de piratas a plantações. Como resultado dos muitos povos que para aqui emigraram — espanhóis, ingleses, africanos, irlandeses, holandeses, franceses, americanos e outros — Porto Rico desfruta uma rica herança cultural. Quando a guerra hispano-americana terminou em 1898, Porto Rico tornou-se território dos Estados Unidos.

A Igreja começou em Porto Rico quando as bases militares dos Estados Unidos aqui se fixaram durante a II Guerra Mundial. O primeiro ramo estabeleceu-se em 1956 para atender às famílias dos militares SUD. Nos ramos, só se falava inglês e apenas uma dupla de missionários servia toda a ilha.

María Christina Sosa Burk estava entre os primeiros porto-riquenhos a serem batizados. Mulher de um militar SUD, María foi batizada em 1956.

Os filhos da família Burk foram batizados aos 8 anos de idade.

***À esquerda*: Marivid Alvarado, uma das adolescentes de Ponce que ajudam a preservar a dança folclórica tradicional. *Página 37, acima à esquerda,*: Orlando e Irma Irizarry, de Cabo Rojo. *Acima, à direita*: A família Cosme, de Arroyo. *Abaixo*: Uma fonte refrescante na praça pública de Ponce.**

William, o mais velho, tornou-se o primeiro porto-riquenho a servir como missionário ao ir para o Uruguai, em 1969.

Durante a década de 80, o número de membros de língua espanhola já excedia o de fala inglesa, pois os porto-riquenhos começaram a batizar-se na Igreja em grande número. Formaram-se estacas nas cidades de San Juan (capital de Porto Rico), Carolina, Ponce e Mayagüez. O número de membros cresceu tão rapidamente que, em dezembro de 1993, o Élder L. Tom Perry, do Quórum dos Doze Apóstolos, visitou Porto Rico e dividiu essas quatro grandes estacas em oito distritos menores, mais fáceis para serem administrados. Agora, os membros têm mais oportunidades de desenvolver suas habilidades de liderança. Eles também desfrutam um sentimento familiar entre seus ramos, o que resulta em uma porcentagem maior de atividades.

"Nossa salvação não depende de sermos uma estaca ou distrito, mas de nosso trabalho individual", diz William A. Burk, presidente do Distrito de San Juan, Porto Rico.

Um compromisso sempre renovado é evidente em qualquer lugar. Em Humacao, o presidente do ramo, Angel Rodríquez-Negrón diz: "Queremos tornar o ramo de Humacao o mais próximo do céu possível. Esse desejo de ter sucesso está em todas as pessoas. Precisamos seguir o manual. Está tudo lá".

Os membros desse pequeno mas entusiasmado ramo planejaram uma exposição, tendo como destaque uma mostra de diferentes aspectos do evangelho. Apareceu somente um visitante, mas os membros não desanimaram.

"Crescemos tanto, revendo a doutrina básica e nos divertimos tanto que isso verdadeiramente nos aproximou", diz Maritza Reyes. "Mantivemos uma boa atitude positiva e mais tarde usamos essa exposição no piquenique do ramo, onde foi vista por muitas pessoas."

"O AMOR QUE EXISTE EM NOSSOS CORAÇÕES"

"Você pode tirar nossas fotos", disse um membro do ramo de

***Abaixo*: Os rapazes e moças de Ponce alinham-se para realizar a tradicional dança folclórica. *Página 39, acima, à esquerda*: Catamarãs pintados acrescentam mais cores a essa praia banhada pelo sol de San Juan. *Acima, à direita*: A família Muñoz, de Arecibo. *Abaixo, à direita*: A bandeira de Porto Rico.**

Guaynabo, "mas não poderá fotografar o amor que existe em nossos corações". É verdade que grande parte da razão para o sucesso aqui deve-se à boa disposição das pessoas de Porto Rico, que encontram alegria na sociabilização e no serviço ao próximo. O evangelho de Jesus Cristo não é apenas compatível com essas características, mas ressalta-as.

"Desejam ver um homem feliz? Então olhem para mim!" diz Alberto Zayas, do ramo de Caparra. "Certamente tenho problemas, contudo o evangelho ajuda-me a enfrentá-los."

Angel L. García, do ramo de Pontezuela, diz: "Estou feliz porque

tenho Cristo em minha vida e sei que minhas orações são respondidas".

Lucy Casablanca, mãe de dois filhos e membro do ramo de Carolina desde 1977, diz: "Sempre tivemos uma agradável união familiar, mas o evangelho trouxe luz ao nosso relacionamento e tornou-o eterno". Seu marido, Justo, concorda. "Procure os momentos belos da vida", diz ele. "Devemos buscar satisfação nos chamados da Igreja, ser felizes e ter alegria vivendo o evangelho."

Líder muito respeitado, Irmão Casablanca é o primeiro a seguir seu próprio conselho. Na época de Natal ele lidera os sumo sacerdotes de seu ramo numa festa tradicional chamada *parranda*. Os Casablancas unem diversas famílias, mais alguns violões ou outros instrumentos musicais e cantam músicas de Natal em frente às casas de outros membros. Eles são logo convidados a entrar e passam uma hora ou mais comendo, cantando, rindo e dançando. Então a família visitada une-se ao grupo e todos vão para outra casa. Essa festa de casa em casa dura toda a noite e pode terminar com um grupo de 50 a 100 pessoas. "Freqüentemente visitamos membros semi-ativos, para que participem da brincadeira", diz Irmão Casablanca.

Os irmãos da Igreja em Porto Rico são muito sociáveis. Por exemplo, a juventude do Ramo 1 de Ponce reuniu-se para aprender as tradicionais danças folclóricas daqui e fazem apresentações completas com cenários e trajes que eles mesmos criaram.

Noel Muñoz, presidente do quórum de élderes do Ramo Arecibo, ressalta esse espírito de unidade e serviço ao encorajar sua família a envolver-se nas atividades tanto quanto possível. "Não se sabe quando o Senhor falará ou precisará de você", diz ele.

"DESEJEI ANSIOSAMENTE APRENDER AS ESCRITURAS"

As pessoas desta ilha também têm um profundo lado espiritual em sua natureza. Muitos, como Doel Irizarry, do Ramo de Guayanilla, converteram-se ao evangelho devido a um sonho ou inspiração espiritual. "Em 1979, os missionários pediram a nossa família que orasse a respeito do Livro de Mórmon", diz ele. "Aquela noite, ajoelhei-me em oração com minha mulher, Cruz, e nossos filhos, Maritza e Eric, e oramos para saber se o Livro de Mórmon era verdadeiro. Tive um sonho que se repetiu três vezes. Quando fui à Igreja na semana seguinte, para minha surpresa conheci o homem que vira em meu sonho. Soube que essa era a resposta a minha oração."

A maioria dos membros, como a família Torres, do Ramo Arecibo, tem programas de estudo das escrituras em seus lares. Roberto e Migdalia Torres foram batizados em 1984. "O evangelho influencia a maneira como pensamos, como nos comportamos, conversamos e tratamos os outros", diz Roberto Torres, pai de quatro filhos com idades entre sete e treze anos. "Sentimos profundamente que os pais devem ensinar religião aos filhos. Nós oramos e lemos as escrituras todas as manhãs. Isso dá às crianças o conhecimento necessário para tomar boas decisões durante o dia. Também lhes ensinamos a temer o mal."

Migdalia assegura que o evangelho ajudou-a a aumentar sua habilidade como mãe. "Na Sociedade de Socorro aprendi a respeito de educação maternal", diz ela. "As noites familiares são muito importantes em nosso lar. Nossos filhos participam da responsabilidade e ajudam a dar a lição."

Outra fonte da elevação espiritual dessas pessoas já espirituais é o programa de seminário que se estabeleceu em cada ramo da ilha. A maioria dos professores são

As crianças pequenas, como o menino abaixo e as menininhas graciosamente vestidas, *acima, à direita,* participam animadamente da Primária. Nuria e Sara Martínez, de Arecibo, *acima, à esquerda,* tocam sua flauta na noite familiar.

membros chamados para ensinar a juventude em aulas dadas bem cedo pela manhã. Além de ensiná-los, eles apanham seus cinco ou seis alunos e levam-nos para as aulas na Igreja e depois para a escola. "Desejei muito aprender as escrituras", diz Irmã Muñoz, de Arecibo, "e aprendi, estudando no seminário". Com mais de 50 professores em Porto Rico, o programa de seminário influencia grandemente tanto as famílias como a juventude.

Ernesto Rivera, presidente do distrito de Baja Toa, percebe com muita força o desenvolvimento espiritual. "Temos que ter o desejo de deixar de lado as riquezas materiais pelas bênçãos espirituais", diz ele. "À semelhança do príncipe rico citado em Lucas 18:18–25, algum dia também

precisaremos escolher entre as coisas do mundo e as de nosso Pai Celestial. Todavia, podemos fazê-lo e alcançar nossas metas. O crescimento do evangelho em Porto Rico depende de nossa espiritualidade."

A combinação do relacionamento social e da espiritualidade mostra que as reuniões e aulas são uma mistura de risos e lágrimas, onde os membros falam, ensinam e prestam testemunho do evangelho. A obra missionária e o trabalho membro-missionário também se beneficiam dessa espiritualidade ativa. A família Muñoz, do Ramo de Arecibo, tem sido missionária desde seu batismo em 1986.

"Depois que nos batizamos, todos nós tentamos arduamente ser melhores", diz Gissette Muñoz, a mais velha, de 21 anos. "Ficamos unidos. As provocações pararam. Tornamo-nos mais bondosos uns com os outros e passamos a conversar com mais freqüência. Como o evangelho nos ajudou muito, queremos compartilhá-lo com os outros."

Em março de 1995, duas famílias de seu bairro foram batizadas e também diversos membros da família da Irmã Muñoz, três amigos do Irmão Muñoz e dois amigos de Gissette.

À semelhança de muitos santos dos últimos dias, essa família descobriu a alegria da obra missionária. "Cada vez mais os membros começam a falar sobre o evangelho com seus familiares e amigos", diz Ronald E. Dyer, recentemente desobrigado da presidência da Missão San Juan-Porto Rico. "O número de membros que trabalham com os missionários de tempo integral aumentou. Essa é a chave para um programa missionário bem sucedido."

Muitos rapazes e moças aproveitam o espírito missionário e servem em missões de tempo integral. "Tive um grande desejo de servir no campo missionário", diz Maritza Irizarry, do Ramo de Guayanilla, que trabalhou na cidade do México. "Nossa família tem sido grandemente abençoada por causa de minha missão. Meus avós aprenderam a respeito do evangelho enquanto me preparava para ir para a missão e foram batizados na semana anterior a minha ida."

Além do trabalho missionário, ajudar os santos dos últimos dias menos ativos a fortalecerem seus testemunhos e a retornarem à completa atividade é um desafio contínuo. No Ramo 1 de Ponce, os líderes fizeram um esforço determinado. Eles usaram todos os membros interessados em ajudá-los numa espécie de "batalha de reativação". "Todos foram à capela numa noite marcada", diz Miguel Alvarado Sênior, presidente do Ramo 1 de Ponce. "Os líderes distribuíram os cartões com os nomes e endereços dos membros semi-ativos às duplas de membros do ramo. Todos tinham somente algumas pessoas para visitar. Ao final de duas horas, os membros encontraram-se de volta na capela para relatar suas visitas. Esse meio provou-se eficiente na localização de membros menos ativos e no restabelecimento de contatos. O prosseguimento dessa atividade inicial ajudou a revitalizar nosso ramo."

No Ramo Yauco, a reativação tem destaque. "Como professoras visitantes, oramos para que os semi-ativos que visitarmos voltem a Cristo", diz a irmã Lizzi Pérez. Os dois conselheiros da presidência do ramo eram semi-ativos há não muito tempo atrás, antes de serem chamados para servir na presidência. "Nós os ajudamos manifestando-lhes nossa afeição e permanecendo ao lado deles", diz o presidente do ramo, Rodrigo Pérez. "Nosso ramo está começando e ser uma grande família, como resultado de nossa confraternização."

"É DO SENHOR"

O padrão de vida da população em geral é um pouco mais alto em Porto Rico do que em outras ilhas das Antilhas. A maioria das pessoas mora em casas térreas de blocos de concreto pintados, com telhados planos projetados para suportar os violentos furacões que assolam o Caribe. As casas têm ventiladores de teto, janelas com venezianas e pisos ladrilhados para ajudar a manter a temperatura mais baixa. As janelas, portas e varandas da maioria das casas e prédios são cercadas com barras decorativas de ferro forjado — tanto para decoração como para proteção, uma vez que as janelas ficam quase sempre abertas.

É comum aos santos dos últimos dias reservar uma das paredes de sua sala para colocarem as gravuras de

Cristo, do templo, dos filhos e dos netos, assim como as fotos da família nos arredores do templo no dia em que foram selados. No início da noite, as famílias vão para suas varandas para conversar e tomar suco de frutas gelado, como de goiaba, mamão e manga. O som de "Ko-Ki, Ko-Ki" ecoa através do ar úmido. É o coaxar da "coquí", uma espécie de rã nativa existente somente em Porto Rico.

Os santos dos últimos dias daqui sentem-se muito gratos pelo que têm e freqüentemente cantam "Eu Devo Partilhar" (*Hinos*, nº 135) em suas reuniões. Entretanto, como as oportunidades de emprego não são estáveis, muitas pessoas lutam financeiramente.

"O dízimo é o teste mais difícil", diz Víctor Gonzáles, do Ramo 1 de Ponce, "mas temos tudo o que precisamos e mais, quando minha mulher Lucy e eu pagamos nosso dízimo". Os Landróns, Héctor e Daisy, que também são do Ramo 1 de Ponce, descobriram que a obediência ao princípio do dízimo também tem abençoado sua vida. Doze anos atrás, o Irmão Landrón caiu de uma escada e quebrou a perna em dois lugares. Por ser diabético, teve dificuldades para recuperar-se. "Ainda tenho problemas com minha perna", diz ele, "e isso significa que nossa situação

financeira continua sendo difícil. Mas nós pagamos o dízimo e sempre temos o que necessitamos, à semelhança da parábola dos pães e dos peixes".

A despeito de tais desafios, a generosidade e a boa vontade para cuidar do próximo são evidentes nos ramos de Porto Rico. Héctor e Amarilis Álvarez, do Ramo de Caparra, não são ricos, mas compartilham o que têm com o próximo. O planejamento cuidadoso de seus gastos permitiu-lhes comprar uma casa nas colinas de Bayamón, com vista para San Juan. A vida de festas é tentadora para a juventude de Porto Rico; assim, líderes como o Irmão Álvarez oferecem alternativas. Em seu pátio há uma churrasqueira, uma pia, mesas, cadeiras, uma mesa de pingue-pongue e muito espaço para bailes. Nada é sofisticado, mas a juventude sempre se diverte na casa dos Álvarez.

"Mi casa es su casa", diz ele. "O que estou fazendo é o que outras pessoas fizeram por mim quando eu era jovem. Sei que as pessoas que ajudo ajudarão outros."

A generosidade dos Álvarez é bem conhecida. Um pequeno apartamento no andar de baixo serve para pessoas que necessitam de alojamento temporário e sempre há disponibilidade de transporte e de alguém para conversar. "Ajudar o próximo não é problema", diz o Irmão Álvarez. "Sinto que este tempo não é meu, nem esta casa é minha — são do Senhor."

Em 30 de junho de 1995, Jesús Níeves tornou-se presidente da missão de Porto Rico. "O futuro é brilhante", diz o Presidente Níeves, que se batizou em Carolina, em 1977, com sua mulher e quatro filhos. "Amo o povo de Porto Rico e eles amam o evangelho. Creio que teremos sucesso por causa do amor e apoio que damos uns aos outros."

A alegria, para os santos dos últimos dias porto-riquenhos, é mais do que o prazer de assistir a um amanhecer ou do que sentir a brisa do oceano. O evangelho tem ressaltado as melhores características desse povo e o resultado é uma alegre "família" de santos. □

***À esquerda*: A luz do evangelho brilha nos olhos de Héctor e Amarilis Álvarez, do Ramo de Caparra. *Acima, à esquerda:* Rafael e Luz Díaz (sentados) e suas filhas Lorena e Bianca em sua casa, em Fajardo. *Acima*: O belo litoral de Humacao. *Abaixo*: As moças de Ponce apresentam canções e danças tradicionais diante de um cenário que elas criaram.**

A JUVENTUDE PORTO-RIQUENHA TRABALHANDO UNIDA

Aproximadamente uma centena de rapazes e moças do Distrito de Toa Baja, em Porto Rico, cantavam enquanto puxavam seus carrinhos de mão nas colinas íngremes de Monagas Park na manhã de domingo de um dia de março. Ao simular a jornada da companhia dos carrinhos de mão dos pioneiros santos dos últimos dias, os jovens cantaram primeiro em espanhol — "*Como os he amado, amad a otros*" — e depois em inglês — "Amai-vos Uns aos Outros" (*Hinos*, nº 197).

Parando ao longo do caminho em pequenos grupos, em pontos pré-determinados, a juventude lia as experiências dos pioneiros SUD. Vários estavam chorando ao término da atividade. O grupo continuou, cantando "*Grande eres tú!*" — "Grandioso És Tu" (*Hinos*, nº 43).

"Queremos que nossos alunos do seminário percebam que nossos sacrifícios, não importa quão grandes sejam, são pequenos comparados aos daqueles pioneiros", diz Alberto Zayas, diretor do SEI para a área do Caribe. "O programa do SEI ajuda nossa juventude a desenvolver testemunhos, assim todos os ramos desta ilha têm uma classe de seminário e as duas universidades têm uma Associação dos Alunos Santos dos Últimos Dias."

Neste paraíso tropical é importante proporcionar uma grande quantidade de atividades para a juventude porto-riquenha. "Esta é uma ilha festeira e aqui há muita tentação para nossa juventude", diz Bruni Moreno, presidente das Moças do distrito de Toa Baja. "Tentamos manter nossa juventude ocupada com festas e bailes. Mas sabemos que não é o suficiente. Também porporcionamos oportunidades para que sintam o Espírito, tal como em nossa recente viagem ao Templo de Orlando, na Flórida. Esse é o maior presente que podemos oferecer-lhes. É algo que o mundo não lhes pode dar."

Um jovem da Igreja em Mayagüez diz: "Quando eu tinha 15 anos, comecei a fumar por pressão de meus

amigos. Depois de duas semanas, sabia que não era o que desejava fazer". Ajoelhando-se junto à sua cama, esse rapaz abriu o coração ao Pai Celestial e pediu ajuda para parar de fumar e resistir à influência dos amigos. Deixou de fumar a partir daí, mas o tormento de alguns de seus amigos continuou. "Suponho que sempre terei pressão por parte de meus amigos na escola", diz ele, "mas agora sei que o Senhor me ajudará a lidar com isso".

No Ramo de Naranjito, Jonatan Negrón, de 18 anos, diz: "Sei que é difícil, devido a todas as pressões que sofremos, mas o folheto *Para o Vigor da Juventude* ajuda-me a viver o evangelho. E quando me sinto prestes a cair, oro para fortalecer-me".

Bryan Ríos, do Ramo de Humacao, uniu-se à Igreja quando era rapaz. "Não sei onde estaria sem o evangelho", diz ele. "Tenho a sensação de ter sido chamado para marchar no 'exército real' e defender o evangelho e o Livro de Mórmon com minha vida."

Graças ao cuidado dos líderes locais e de um forte programa de seminário e instituto, a juventude porto-riquenha é um "exército real" trabalhando unido, ajudando todos a virem a Cristo. □

"A PEDRA E O TEMPLO"

Sylvia Sierra estava no meio de um divórcio em outubro de 1981. "Comecei a questionar-me: 'Por que estou aqui? Para onde vou?' Desejava algo mais, então comecei a ler a Bíblia. Encontrei grande esperança quando li: 'O Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído (. . .) uma pedra foi cortada, sem auxílio de mão (. . .) e encheu toda a terra'. (Daniel 2:44, 34–35)

Chorei quando li essa escritura. Pensei que, se encontrasse essa pedra, acharia a resposta a todas as minhas dúvidas. Porém, após quase dois anos parei de procurá-la, embora nunca perdesse a esperança."

Pouco tempo depois, Sylvia foi a uma reunião da Igreja com uma amiga. "Quando entrei na capela, percebi no mesmo momento que nunca experimentara algo semelhante ao que estava sentindo. Na Sociedade de Socorro, vimos em vídeo o filme "*Juntos para Sempre*". Ouvi uma voz dentro de mim dizendo: 'Isto é o que você estava procurando'."

Sylvia logo foi batizada e no ano seguinte recebeu sua investidura no Templo de Washington. "Pela primeira vez reconheci que o Senhor tem grandes bênçãos para mim", diz ela. "O templo é tudo. Estou sempre desejando essas bênçãos e retornar ao templo."

A ida ao templo é o ponto central da vida da Irmã Sierra, agora membro do Ramo de Guayanabo. Ela trabalha em três empregos, como faxineira, e vende comida numa banca à beira da estrada a fim de ganhar dinheiro para ir ao templo. "Trabalho muito, mas não é um sacrifício", diz ela. "É bom saber que estou trabalhando para ir ao templo. Não há prêmio semelhante às bênçãos do templo."

Quando a Irmã Sierra voltou de sua primeira viagem ao templo, ela leu D&C 65:2 durante seu estudo regular das escrituras: "As chaves do reino de Deus são entregues aos homens na terra, e como a pedra que, sendo cortada da montanha, sem mãos, rolará adiante até que encha toda a terra, assim também até os confins da terra rolará de agora em diante o evangelho".

"Senti um nó na garganta e chorei quando percebi que o evangelho era a pedra a respeito da qual eu lera na Bíblia", diz ela. "Encontrei a pedra quando fui batizada, sem mesmo percebê-la. Sou muito grata a meu Redentor. Sei que Ele vive e um dia verei Sua face." □

O Milagre de Jenni

Victor W. Harris
ILUSTRAÇÃO DE ROGER MOTZKUS

Lembro-me da primeira vez em que Jenni entrou na minha classe de seminário e disse "oi" para mim, seu novo professor. Ela falava com dificuldade, suas palavras arrastavam-se e eram de difícil compreensão, ela claudicava e cambaleava, tentando caminhar em direção a sua carteira. Durante a primeira semana em minha classe, que poderíamos chamar de período de adaptação, ela parecia satisfeita em ser ignorada pela maioria dos colegas que, aparentemente, faziam um esforço enorme para achar um meio de relacionar-se com ela.

Jenni tentava falar, mas poucos alunos conseguiam entendê-la. Mal conseguia manter o nariz limpo e algumas vezes babava e manchava a blusa. Os alunos de minha classe não estavam acostumados com as necessidades e ações de alguém como Jenni; assim, a maior parte deles distanciava-se dela tanto física como socialmente, e, como conseqüência, ignoravam-na educadamente.

Contudo, não estavam cônscios de que dentro do corpo deformado de Jenni havia uma mente aguçada, um coração gentil e um espírito indomável, clamando para ser ouvido, compreendido, aceitado e amado. Ela não permitiria que outros a ignorassem — educadamente ou não.

Nunca esquecerei o dia em que Jenni me perguntou se poderia dizer algo à classe. Imaginei o que desejaria dizer a todos, mas nunca esperei que transmitisse sua mensagem como o fez.

"P-p-prrreeecissso de um aaammmiiigooo", gaguejou ela.

"P-p-rrreeecissso de alg-g-gueeém q-q-que se sssente c-c-c-comiig-g-go nooo aaalmooço."

Quando terminou a última palavra, a classe estava em silêncio completo. Jenni permaneceu em pé, ao invés de sentar-se em seu lugar, e esperou por um voluntário. Finalmente, do fundo da sala, Tereza levantou a mão e disse: "Serei sua amiga, Jenni". Jenni respondeu com outra pergunta: "E vai sentar-se a meu lado na hora do almoço?".

Tereza respondeu: "Vou sentar-me a seu lado na hora do almoço".

"Todos os dias?" perguntou Jenni.

"Todos os dias", respondeu.

Essa conversa aliviou a classe e também deu a Vilma, amiga de Tereza, a confiança de levantar a mão e dizer a Jenni que também poderia ser sua amiga e sentar-se com ela ao almoço todos os dias. O "milagre de Jenni" começara!

No dia seguinte, Tereza e Vilma sentaram-se ao lado de Jenni e ajudaram-na a andar do estacionamento da escola até o prédio do seminário. Percebi que, à medida que as semanas passavam, Tereza e Vilma começaram a traduzir as palavras de Jenni quando não conseguíamos entendê-la.

Quando os alunos perceberam que pessoa bela e inteligente Jenni era, passaram a convidá-la para atividades, a apanhá-la em casa e a ajudá-la a resolver seus problemas. Certa ocasião, Jenni animadamente me contou que

tivera um encontro com um rapaz chamado Kurt. "Ele é tão bonitinho!" disse-me ela. Isso a levou a outros encontros, a mais reconhecimento e a mais alegria.

Muitas vezes, quando alguém começava a chorar a falar de seus sentimentos, Jenni silenciosamente se levantava, ia até essa pessoa e abraçava-a. Isso tocava a classe e logo todos estávamos chorando. Jenni muitas vezes prestava seu testemunho aos colegas. Ela expressava sua gratidão pelas muitas bênçãos, especialmente por sua família, e então falava da grande fé que tinha em Jesus Cristo.

Os anos passaram-se e logo chegou a hora de Jenni formar-se no seminário. Lembro-me do amor que senti por ela enquanto caminhava desajeitadamente para receber seu diploma e percebi novamente o quanto ela abençoara minha vida. Encontrei a mãe de Jenni no fundo da capela ao término da cerimônia e da reunião. Seus olhos encheram-se de lágrimas ao dizer-me algo assim: "Nunca saberá o que fez por minha filhinha".

Ao que repliquei: "Oh, eu não. Olhe para eles", apontando para os colegas de Jenni. "Eles é que fizeram."

Os colegas de classe de Jenni ajudaram-na a perceber que pessoa maravilhosa ela era. Eles incluíram-na em seu círculo de amigos e ajudaram-na a sentir-se aceita. Eles enxergaram, além de sua deficiência, as necessidades de uma alma — uma moça desejando ser aceita e compreendida. Viram sua beleza e ajudaram-na a realizar um milagre dos dias modernos — o milagre de Jenni. □

***A Bíblia e o Livro de Mórmon Testificam de Cristo*, de Greg K. Olsen**

"E em verdade vos digo que sois aqueles de quem falei: Tenho também outras ovelhas que não são deste aprisco; também devo conduzir estas e elas ouvirão a minha voz

"E dirigindo-se à multidão, (Jesus) disse-lhes: Olhai para vossas criancinhas. (. . .) E viram anjos descendo dos céus, como se estivessem no meio de fogo; e eles desceram e cercaram aqueles pequeninos (. . .); e os anjos ministraram entre eles." (Ver 3 Néfi 17:23–24.)

96991059